

*Misia Pedrozo de
Francischi*

Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC.

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC.

O IMPACTO DAS MIGRAÇÕES NO FUTEBOL INTERNACIONAL

IMPACTS OF MIGRATION ON INTERNACIONAL SOCCER

Resumo: Este artigo explora o fenômeno das migrações no contexto do futebol, destacando como o esporte globalizado resulta em fluxos migratórios de atletas que são atraídos por motivações econômicas, geralmente seguindo a rota sul-norte, sendo a Europa um destino preferencial devido às suas oportunidades de visibilidade internacional e maiores remunerações. As migrações de jogadores muitas vezes refletem relações de poder e hegemonia pós-colonial, especialmente na forma como clubes europeus atraem talento de países economicamente vulneráveis, perpetuando uma dinâmica de dependência e exploração. Em termos teóricos, a migração esportiva é discutida em meio a conceitos de globalização e capitalismo, reforçando interconexões políticas e econômicas, e a manutenção de assimetrias entre as nações. Finalmente, o artigo aborda as dimensões culturais, sociais e políticas destas migrações esportivas, como a naturalização dos atletas e suas implicações para os países de origem, contribuindo para a perpetuação do capitalismo moderno e o fortalecimento de estruturas neocoloniais. A regulação de transferências e nacionalidades por entidades como a FIFA tenta endereçar algumas destas complexidades, embora as relações de dominação sul-norte persistam.

Palavras-Chave: Migrações; globalização; futebol; colonialismo; esporte.

Abstract

This article explores the phenomenon of migration in the context of soccer, highlighting how the globalization of the sport results in migratory flows of athletes driven by economic motivations, usually



following the South-North route, with Europe as a preferred destination due to its opportunities for international visibility and higher salaries. Player migrations often reflect postcolonial power relations and hegemonies, particularly in the way European clubs attract talent from economically vulnerable countries, perpetuating a dynamic of dependency and exploitation. Theoretically, sports migration is discussed through concepts of globalization and capitalism, reinforcing political and economic interconnections and the maintenance of asymmetries among nations. Finally, the article addresses the cultural, social, and political dimensions of these sports migrations, such as the naturalization of athletes and its implications for their countries of origin, contributing to the perpetuation of modern capitalism and the strengthening of neocolonial structures. The regulation of transfers and nationalities by entities such as FIFA attempts to address some of these complexities, although South-North relations of domination persist.

Keywords: Migration, globalization, soccer, colonialism, sport.

1. INTRODUÇÃO

O futebol é considerado por Silva (2012) um esporte globalizado, que emerge do processo de expansão capitalista ao fim do século XIX. Considerado hoje um esporte de massas, mobiliza, além de jogadores, milhões de pessoas pelo mundo, incluindo treinadores, dirigentes, torcedores e simpatizantes. Observa-se, na contemporaneidade, a formação de equipes integradas por atletas de diferentes origens, culturas e etnicidades, não só no futebol, mas nos mais variados esportes. O esporte em si mesmo suscita e alimenta fluxos migratórios em função de suas atividades.

As migrações de jogadores e outros profissionais envolvidos no ramo do futebol são de cunho econômico e acontecem incessantemente. Os fluxos migratórios em muito se assemelham a outras migrações de trabalho, sendo a rota sul-norte a mais frequente, mas existindo também fluxos sul-sul. Apesar de serem migrações econômicas e voluntárias, não deixa de haver relações de hegemonia e dominação pós-colonial envolvidas no trânsito de pessoas em função do mercado do futebol. Tais relações, suas implicações e o contexto envolvido serão analisados ao longo deste trabalho.

2. TEORIA DE MIGRAÇÕES

Uma das primeiras, se não a primeira, referência teórica no campo das migrações ao esporte foi a obra "The Global Sports Arena: athletic talent migration in an independent world" de John Bale e Joseph Maguire, de 1994. Para esses autores, as migrações esportivas inserem-se no contexto das sociedades modernas, compreendendo o esporte como um fenômeno social, e fator condicionante do meio em que se insere.

O avanço global das telecomunicações e da mídia, o direito internacional com novas formas de cidadania, o exacerbar do capitalismo, entre outros fatores, têm efeitos sobre o esporte mundial, como a criação de organizações internacionais de cunho esportivo, a padronização e universalização de regras das modalidades esportivas e a instauração de megaeventos esportivos internacionais. Tanto estes fatores quanto as consequências pro-

O IMPACTO DAS MIGRAÇÕES NO FUTEBOL INTERNACIONAL

movem a movimentação internacional de atletas e a mercantilização do esporte, notadamente o futebol, formando um sistema futebolístico internacional inserido no contexto da globalização. (Nolasco, 2017).

O universo do futebol é um campo competitivo, marcado por relações de poder, como uma arena global, se manifestando em dimensões migratórias econômicas, tecnológicas, ideológicas e de redes (Maguire et al., 2002). As leituras teóricas sobre migrações do campo da globalização reforçam a ideia de interconexão política e econômica, desaparecimento de fronteiras e da existência de um novo espaço comum com novas relações sociais (Poli, 2010).

Para Poli (2010), o crescente fluxo migratório de jogadores não é consequência exclusivamente da globalização, mas sim fortemente atrelado a relações interestatais, culturais, históricas e jurídicas que levam a uma interpretação relacional entre espaços de origem e de destino. A literatura sobre migração esportiva passa então a adotar como dimensão analítica as assimetrias entre países, destacando instrumentos de dominação políticos e econômicos. Segundo Nolasco (2017), as análises são majoritariamente focadas no sentido Sul-Norte, especialmente nas migrações com origem na África e América do Sul e destino na Europa, motivando interpretações de cunho crítico e/ou marxista sob as quais estes fluxos são caracterizados como uma forma de dominação do sul global pelo norte.

Seguindo esta linha teórica, surgem então interpretações que sugerem um desenho analítico baseado na teoria do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein. A teoria de Wallerstein postulava que os espaços seriam segmentados, e isto seria determinante para a estrutura, e os Estados estariam classificados entre centro, periferia e semiperiferia. No entanto, no contexto esportivo, os países não necessariamente coincidem com estas três categorias (Taylor, 2006).

O futebol é entendido como veículo de valores, ideologias e modos de vida ocidentais, característicos dos países dominantes do centro que, ao dispersar-se pelo mundo, contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo moderno. Os movimentos migratórios de atletas decorrem em sentido inverso, ou seja, devido à industrialização do desporto e das exigências competitivas nos países do centro, os atletas originários dos países periféricos que revelam talento e competências desportivas migram para os países centrais. (Nolasco, 2017, p. 58)

Esse sentido migratório de jogadores na direção sul-norte não é difícil de explicar, podendo inclusive ser justificado pela teoria de atração e repulsão das migrações. Quando comparados os locais de origem e destino destes atletas migrantes podemos notar como fatores de repulsão as fracas economias nacionais, as crises financeiras, as falhas organizacionais no setor do esporte, a precariedade das instalações esportivas, e como fatores de atração as características exatamente opostas. Ainda, o êxodo de atletas de países do sul pode ser interpretado como uma perda de recursos humanos, análoga à conhecida "brain drain" (em português, fuga de cérebros), chamada pela literatura de *feet drain* (Nolasco, 2017).

Outro autor que trabalha em torno da teoria da dependência é Gunder Frank, que argumenta que o motor do subdesenvolvimento dos países da "periferia do mundo" seria o

sistema capitalista enquanto controlado pelos países ricos do centro, para ele este sistema impossibilita o desenvolvimento dos Estado periféricos, sendo a única saída a subversão da lógica capitalista. Este arcabouço teórico, quando lido à luz das migrações futebolísticas, esclarece a natureza das relações entre centro e periferia do esporte numa perspectiva histórica. A posição de dominação do futebol europeu, então, é condicionante para que o futebol africano continue numa situação inferior e de dependência (Darby, 2000).

É notória a forma monopolista pela qual a Europa gerencia o futebol internacional, econômica e politicamente. Desta forma, é sistematizada uma estrutura de subdesenvolvimento e exploração de maneira imperialista e neocolonial por parte dos clubes europeus em outras partes do mundo, sobretudo na África (Nolasco, 2017). Portanto, de maneira geral, jogadores de países cujos clubes não são financeiramente consolidados migram para clubes europeus, sendo selecionados em função de aspectos relacionais (Poli, 2010). "Estas preferências [...] revelam a existência e manutenção de vínculos históricos e culturais que determinam os fluxos migratórios de trabalho desportivo." (Nolasco, 2017, p. 60).

Segundo Grosfoguel (2008, apud Nolasco, 2017), esta seletividade migratória seria característica do que chama de colonialidade global, que seria uma forma colonial contemporânea que mantém práticas de relacionamento características do período colonial, apesar da inexistência de uma administração colonial propriamente dita. A hegemonia é exercida através das instituições globais de gestão esportiva que promovem a desqualificação da periferia e da semi-periferia de acordo com os interesses dos países do centro.

3. DINÂMICAS MIGRATÓRIAS NO FUTEBOL INTERNACIONAL

No contexto do mundo globalizado e do futebol que sobrepõe fronteiras, é inevitável o trânsito de jogadores entre países, podendo ser uma migração mais temporária (como por alguns meses ou anos, duração de um contrato) ou mais definitiva, podendo culminar na aquisição de dupla cidadania ou naturalização. Em Ribeiro (2007) a "naturalização é um ato pelo qual uma pessoa voluntariamente adquire outra nacionalidade que não a sua originária", processo que envolve, geralmente, a comprovação de residência contínua no país ou matrimônio com um nacional. Já a dupla cidadania, segundo o mesmo autor é o "status no qual o indivíduo é titular da nacionalidade de dois Estados concomitantemente", podendo variar entre dois meios, o *jus soli* relacionado ao direito de nascimento e o *jus sanguinis* relacionado à descendência parental.

A FIFA também impõe determinadas exigências para que os jogadores credenciados passem pelo processo de naturalização e dupla cidadania. Segundo o estatuto da FIFA, o jogador deve ter pais ou avós nascidos no país em questão (nacionalidade originária) ou residir a mais de cinco anos continuamente no país. A partir de 2012 vigora norma da FIFA que determina que uma seleção nacional poderá entrar em campo com, no máximo, cinco jogadores não nascidos no país que a seleção defende. Além disso, uma vez que um jogador dispute uma partida oficial pela seleção nacional de um país, não poderá jamais atuar por uma seleção de país diferente (FIFA, 2013).

As seleções de países europeus beneficiam-se desde os anos 1930 da atuação de jogadores sul-americanos e, principalmente, africanos, em razão do processo de coloniza-

O IMPACTO DAS MIGRAÇÕES NO FUTEBOL INTERNACIONAL

ção do século XIX e XX. As migrações motivadas pelo sistema futebolístico, rumo a diferentes países ou continentes ocorrem essencialmente na busca por melhores remunerações e maior visibilidade como profissional, da mesma forma que acontece com as migrações econômicas em geral. Sendo assim, a migração antecede o momento do processo de naturalização ou dupla cidadania, possibilitando a avaliação das condições e possibilidades, antes de optar por defender uma outra seleção nacional (Silva et al., 2012). Segundo Silva, atuar por um grande clube europeu seria o ápice da carreira de um jogador. Velema (2024) analisa dados de transferências internacionais de jogadores de futebol entre 2006 e 2022, propondo um quadro teórico que investiga como fatores linguísticos, econômicos e geográficos estruturam a mobilidade no futebol global. Os resultados indicam que, embora o mercado seja global, os fluxos migratórios ocorrem maioritariamente entre países com proximidade linguística, econômica e espacial.

As questões burocráticas na migração internacional são apenas uma das dimensões envolvidas neste processo, além disso, existe também uma gama de questões culturais e sociais, relacionadas ao pertencimento à identidade nacional e questões éticas de aceitação das diferentes nacionalidades e etnias. A migração de jogadores moçambicanos para a Europa pode ser interpretada como um reforço da dominação portuguesa como herança colonial (Silva et al., 2012).

O presidente da CAF (Confederação Africana de Futebol) entre 1972 e 1987, Ydnekatchew Tessema afirmou em entrevista "Quando os países ricos nos privam, também por via da naturalização dos nossos melhores jogadores, não devemos esperar deles qualquer atitude de cavalheirismo no sentido de ajudarem o futebol africano." (Mahjoub apud Darby, 2006, p. 155). Assim, podemos entender que o movimento migratório Sul-Norte de jogadores de futebol especialmente de origem africana para países europeus, apesar de voluntário e de cunho econômico, ainda reforçam relações coloniais de hegemonia, independentemente da atual ruptura política entre ex-metrópoles e ex-colônias.

As pertinentes preocupações das autoridades futebolísticas africanas se dão justamente pelos efeitos que a constante migração de africanos causa para o futebol do seu continente. Países como Senegal, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Argélia passam por situações semelhantes, havendo uma crescente migração de seus melhores jogadores para a Europa, sobretudo para França, Bélgica, Portugal, Alemanha, Holanda, entre outros. (Silva et al., 2012, p. 6)

O Brasil, graças à tradição futebolística reconhecida mundialmente, acaba sendo constantemente alvo de dirigentes de times estrangeiros, sempre com a intenção de identificar jogadores talentosos e proporcionar-lhes a oportunidade de jogar por clubes de outros países. O que motiva tantos jogadores brasileiros a migrarem para atuar em outros países com pouca ou nenhuma tradição no futebol? Para Ribeiro (2007), dentre outros motivos destacam-se a má administração de clubes,

a extinção da Lei Pelé¹, a ação influenciadora de empresários e da FIFA, o número insuficiente de postos de trabalho nos clubes (muito inferiores ao número de jogadores) e os baixos salários.

Um dos principais atrativos dos jogadores brasileiros é a qualidade técnica, que chama a atenção de dirigentes de clubes do mundo todo. Os melhores salários oferecidos e a visibilidade acabam motivando jogadores brasileiros a se transferirem para times europeus, além da falta de oportunidades na seleção brasileira. Há, ainda, jogadores que migram para nações com pouca ou nenhuma tradição futebolística, como Líbia, Uzbequistão, Ilhas Faroe, Chipre, Vietnã e Tailândia (Silva et al., 2012).

Observa-se frequentemente a presença de jogadores imigrantes naturalizados nas seleções nacionais de diversos países, muitos destes passam pelo processo de naturalização com o objetivo de defender a seleção do país onde reside. O fenômeno mais expressivo e ilustrativo dessa realidade é a forte presença de jogadores negros nas equipes nacionais europeias. O recorte de caso escolhido para este trabalho abrange os países de Portugal e França, ambos possuíram territórios sob seu jugo entre os séculos XIX e XX, principalmente no continente africano. Ainda hoje, ambos os casos nos mostram o constante usufruto de “pés de obra”².

Durante o período chamado de colonial, o futebol foi instrumentalizado como forma de criar laços entre metropolitanos e colonos, porém também com o objetivo de controlar as relações de trabalho, sendo assim, usado pelos colonizadores para impor uma posição de dominação. No contexto atual, tais vínculos de dominação não se desfizeram, apesar da separação política entre os países, e a relação de subordinação entre nações africanas e europeias se mantém no futebol (Melo, 2017).

A estrutura construída com base nesses laços de dominação levaria a uma melhor aceitação das práticas e valores impostos pela metrópole, gerando uma legitimação política, consolidando a hegemonia europeia (Mangan, 1992). É relevante notar que, mesmo na época colonial, já era prática a atuação de jogadores nativos das colônias nas seleções nacionais das metrópoles, fato que se iniciou em 1931 quando Raoul Diagne foi escalado pela seleção francesa de futebol (Melo, 2017).

¹ A lei conhecida como Lei Pelé trata-se da lei nº 9.615 de 25 de março de 1998. Também conhecida como lei do passe livre, é uma norma jurídica brasileira sobre o passe de jogadores de futebol, que era um instrumento jurídico que vinculava o jogador a seu clube além do contrato de trabalho. A negociação do jogador era feita somente entre clubes, sem transparência, os atletas não podiam deixar um clube sem sua autorização. Com a publicação da lei, o passe deixa de ser de posse dos clubes, e a maioria dos jogadores passou a ser negociado por empresários privados. Com esta mudança, muitos clubes deixam de investir na formação de jogadores, já que muitos deles poderão rapidamente deixar o clube.

² A expressão pés de obra é usada em analogia à expressão “mão de obra”, para caracterizar a força laboral do futebol.

Era comum a existência de “clubes satélite” em cidades das colônias africanas que representam os “clubes mãe” de cidades europeias, através destes era feita a busca por talentos no futebol africano, como parte da promoção da hegemonia europeia. A imagem que se buscava passar pelo governo era a de uma grande nação unida, através de um território que se estendia da Europa à África, com uma população sem discriminação entre si unida em torno de um mesmo ideal nacional.

Outro ponto forte da dominação europeia sobre os atletas africanos, tanto no passado quanto no presente advém da diferença de remuneração. Os salários pagos aos jogadores na Europa sempre foram muito superiores aos oferecidos nos países do continente africano, cientes disto, os dirigentes esportivos europeus permitem pouca ou nenhuma negociação neste sentido entre jogador e clube. É importante ressaltar, também, que na maioria das vezes, a remuneração oferecida a jogadores africanos e/ou negros na Europa não se iguala à oferecida a jogadores europeus brancos, independente do desempenho dentro de campo.

De acordo com Melo (2017), a atuação de jogadores nascidos nas colônias nas seleções das metrópoles ocorria em razão do entendimento legal de que estes deviam um tipo de submissão aos colonizadores, foi criado inclusive respaldo jurídico para a legitimação. Assim, todos eram vistos como cidadãos portugueses, ou franceses (entre outros), contudo, aqueles nascidos nas colônias que viviam nas metrópoles eram chamados de assimilados, por terem absorvido a cultura e os costumes europeus.

As relações neocoloniais entre Portugal, França e suas respectivas ex-colônias se mantêm ainda ativas. Os dois países europeus continuam sendo o principal destino de jogadores africanos fora da África sob o argumento de que a entrada no continente europeu seria mais fácil através de suas ex-metrópoles, principalmente em função do idioma. A procura por jogadores africanos se dá também em razão do baixo custo, muito mais baixo do que a contratação de estrangeiros de outras regiões do mundo.

Assim, é possível observar a criação de redes entre clubes dos dois continentes para funcionar nesse processo de trânsito internacional de atletas. Essas redes são geralmente mediadas por uma personalidade conhecida e respeitada de origem africana nos clubes europeus. Em contrapartida, os atletas naturais africanos também possuem suas próprias motivações para migrar, principalmente de caráter econômico, para garantir melhor qualidade de vida através de uma profissão que, em geral, é também uma paixão (Boli, 2010).

A visão sobre os jogadores africanos na França passou a se modificar em meados de 1967, com a chegada do jogador Salif Keïta, do Mali, ao clube francês Saint-Étienne. Graças ao seu bom desempenho nos campos e sucesso com o time, cresce o interesse e reconhecimento pelos jogadores da África (Melo, 2017).

Jarjabka et. al. (2024) introduz o elemento da distância cultural como variável explicativa, na discussão sobre naturalização, integração e hegemonias culturais no futebol. Utilizando um amplo conjunto de dados sobre mais de 30 mil transferências internacionais de atletas, esta pesquisa investiga como a distância cultural, medida pelos parâmetros de Hofstede, influencia a migração de atletas profissionais, e aproximando o debate das migrações esportivas à literatura de migração de trabalho qualificado e teorias de globalização cultural. Constata-se uma correlação negativa entre número de transferências e distância cultural, porém, fatores econômicos e de qualidade esportiva também desempenham papel relevante na decisão em torno da migração.

As copas do mundo, assim como outros grandes eventos esportivos, são marcadas pela multiplicidade de culturas envolvidas, não somente dentro de campo, mas também fora dele. O esporte como uma prática de regras universais que independem de idioma ou costumes se torna cada vez mais universal. Sua difusão deu-se com tamanha intensidade que possibilita que as copas do mundo reúnam incontáveis povos e nações. Para além das seleções nacionais, nota-se também os clubes de cidades que se projetam a nível nacional e até internacional, com o impulso da mídia, especialmente a televisão (Bottura, 2012).

O futebol não deixa também de cumprir seu papel econômico, como um negócio. Faz circular cifras grandiosas em mercados nacionais e internacionais, priorizando cada vez mais o sentido econômico e de capital, através de venda de ingressos, de produtos dos times, de patrocínios, da mídia, entre muitos outros fatores. Ao mesmo passo em que expande o sentido do capital, o futebol estende as fronteiras, sobrepondo os limites territoriais de cidades e nações, tornando-se um esporte transnacional, sempre com o auxílio do avanço tecnológico. Fronteiras geográficas falham em separar culturas, pois estas se entrelaçam (Bottura, 2012).

Não havendo como separar a economia da cultura dos povos, o que ocorre é que naquilo que se passou a chamar de mundo globalizado, várias culturas interagem. Isso, porém, não significa que uma cultura se aniquila em detrimento de outra, mas sim que elas se entrelaçam sem perderem seus significados e valores próprios. (Bottura, p. 65, 2012)

O futebol foi absorvido como elemento cultural por diversos povos e nações, que levaram este esporte para dentro de seus países e de suas casas, a Copa do Mundo é um evento que mostra a capacidade da globalização em popularizar para milhões de pessoas o que antes era característico de poucos, o futebol mundializado tornou-se um esporte de multidões. Segundo Bottura “chamá-lo de um esporte globalizado ou mundializado, transnacional, internacional, tanto faz. O fato é que ele se estende a culturas tão diferentes quanto numerosas e é um elemento de transformações culturais e sociais por ser agregador de camadas sociais de todos os matizes e todos os lugares” (p. 67, 2012).

Além do aspecto cultural geral em torno das copas do mundo, podemos ressaltar também a presença e atuação de migrantes dentro de campo pelas seleções nacionais. A partir da criação da Lei Bosman pelo Tribunal de Justiça da União Europeia em 1995, o trânsito de jogadores europeus dentro do bloco passou a ser regulado da mesma forma que para os demais trabalhadores, com livre circulação. A Copa do Mundo de 1998 configura um novo cenário após a nova legislação, com ênfase para a seleção campeã, a francesa, que possuía cinco jogadores africanos migrantes. Na Copa do Mundo seguinte, em 2002, a seleção alemã, vice-campeã, possuía uma dupla de ataque de migrantes, além do destaque para a seleção de Senegal, na qual todos os jogadores atuavam por clubes franceses. Na Copa de 2006, a atuação de migrantes em seleções atingiu seu ápice: 67 jogadores de 25 seleções diferentes, incluindo brasileiros atuando em cinco seleções estrangeiras. Finalmente, na Copa de 2010, nota-se um início do processo inverso, ou seja, inúmeros países ex-colônias começam a receber jogadores migrantes de países ex-metrópoles, com destaque para a Argélia, que possuía 17 jogadores nascidos na França (Silva et. al, 2012).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas sociedades contemporâneas, a mobilidade espacial é inevitável, e as migrações de atletas são uma consequência do universo esportivo e sua competitividade. Podemos dizer que os fluxos de pessoas envolvidas na indústria do futebol seguem, em geral, os mesmos paradigmas das migrações de trabalho, sendo suas principais motivações a procura por melhores remunerações e a atuação em ambientes de maior visibilidade da profissão. O continente europeu atrai a grande maioria dos atletas por atender estes objetivos, sendo assim o centro mundial da profissão de jogador de futebol.

A ideia de uma carreira e uma vida construída na Europa é altamente atraente para os jogadores em grande parte dos aspectos envolvidos na migração, mesmo que seja para atuar em clubes menores ou de cidades afastadas dos grandes centros. As condicionantes das migrações de jogadores e outros indivíduos envolvidos no universo do futebol são permeadas de relações econômicas e de dependência, além de influenciadas por fatores históricos, políticos, culturais, geográficos e étnicos.

As questões suscitadas pelas migrações em geral são também pertinentes à interpretação das migrações decorrentes do futebol, como as consequências para os países de origem e de destino, o impacto das migrações no sistema esportivo como um todo, as exigências para a permanência e exercício da profissão em outros países, os direitos dos migrantes, entre muitas outras. O intenso trânsito de jogadores fez com que entidades como a FIFA e a UEFA passassem a regulamentar melhor as transferências internacionais de jogadores, bem como monitoraram de perto as maiores ligas de futebol e os grandes clubes quanto às contratações, naturalizações e dupla-cidadanias.

Por fim, os fluxos migratórios tendem a se expandir cada vez mais e, com isso, as fronteiras passam a ser mais e mais permeáveis para aqueles que são desejáveis em função de seu talento no esporte. Ainda assim, persistem as relações de dominação entre Norte e Sul global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALE, John; MAGUIRE, Joseph. *The global sports arena: Athletic talent migration in an interdependent world*. Routledge, 2013.

BOLI, Claude. Os Jogadores de Futebol Negros na França. Revista francesa de referência sobre as dinâmicas migratórias. Paris, 2010.

BOTTURA, Maria Carolina. Futebol: contribuição da Copa do Mundo para transformações culturais de diferentes povos. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, 2012.

DARBY, Paul. Migrações para Portugal de jogadores de futebol Africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social* n. 179, 2006.

DARBY, Paul. Africa's Place in FIFA's Global Order: a theoretical frame. *Soccer & Society* v. 1 n. 2, 2000.

ESTATUTO de la Fifa. Zurich, 2013.

FRANK, Andre Gunder. Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência. 1980.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n. 80, 2008.

JARJABKA, Ákos; FÚRÉSZ, Diána Ivett; HAVRAN, Zsolt. The impact of cultural distance on the migration of professional athletes as high-skilled employees. *Journal of Industrial and Business Economics*, v. 51, n. 3, p. 585-603, 2024.

MAGUIRE, Joseph; JARVIE, Grant; MANSFIELD, Louise; BRADLEY, Joseph. *Sports Worlds: A sociological perspective*. Human Kinetics, 2002.

MANGAN, James. *The Cultural Bond: Sport em Empire and Society*. London: Frank Cass, 1992.

MELO, Lucas Martins Santos. O futebol africano na europa: os casos de Portugal e França como destino migratório de jogadores das suas ex-colônias. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, n. 23, p. 141-168, 2017.

O IMPACTO DAS MIGRAÇÕES NO FUTEBOL INTERNACIONAL

NOLASCO, Carlos. Atletas em Movimento: Abordagem teórica às migrações de trabalho desportivo. Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana v. 1 n. 1, 2017.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Identidades em Campo: Discursos sobre a atuação de jogadores interculturais de origem africana e antilhana na seleção francesa de futebol. São Paulo, 2015.

POLI, Rafaelle. Understanding Globalization Through Football. International Review for the Sociology of Sport v. 45 n. 4, 2010.

RIBEIRO, Luiz. Futebol e Globalização. Fontoura, Jundiaí, 2007.

SILVA, Daniel Vidinha; RIGO, Luiz Carlos; FREITAS, Gustavo da Silva. Considerações sobre a Migração, a Naturalização e a Dupla Cidadania de Jogadores de Futebol. Revista de Educação Física da UEM, 2012.

TAYLOR, Matthew. Global Players? Football, migration and globalization. Historical Social Research, 2006.

THEWELEIT, Klaus. O Futebol Globalizado: uma perspectiva lusocêntrica em Golo para o Mundo: O futebol como modelo da realidade. Kiepenheuer & Witsch, 2004.

VELEMA, Thijs A. The macro-structure of football's global migration system: How linguistic, economic, and geographic boundaries constrain player mobility. International Review for the Sociology of Sport, 2024.